

VOTO DE CONGRATULAÇÃO

450 anos da edificação da nova Sé Catedral de Angra

A 10 de janeiro de 1568, dez dias antes de D. Sebastião assumir o governo do reino, o regente Cardeal D. Henrique deferiu o requerimento que havia sido enviado em 1557 a D. João III no sentido de se proceder à construção de uma nova Sé de Angra.

D. João III, falecido em junho de 1557, não teve tempo de atender ao requerimento do senado de Angra e assim se passaram dez anos até a carta surtir efeito, sobretudo graças às solicitações feitas pelo então bispo de Angra, D. Nuno Álvares Pereira.

O alvará, assinado pelo regente Cardeal D. Henrique há precisamente 450 anos, comemorados no passado mês de janeiro, estipulava que a construção da nova Sé seria realizada às expensas da Coroa, que enviou a Angra o arquiteto Luís Gonçalves, autor do projeto que foi adaptado por outros profissionais, nomeadamente João de Carvalho.

A história da Sé de Angra remonta, porém, ao início do povoamento da ilha Terceira, cerca de 1450, onde, no lugar a que chamaram Angra se elevou um altar a São Salvador. No seu testamento, lavrado em 13 de outubro de 1460, o infante D. Henrique referiu ter ordenado e estabelecido a Igreja de Jesus Cristo na ilha de Jesus Cristo, ordem que foi executada talvez ainda no tempo do primeiro capitão-donatário, o flamengo Jácome de Bruges.

Com a chegada do capitão-donatário Álvaro Martins Homem, em 1461, fundou-se definitivamente a povoação de São Salvador de Angra e procedeu-se ao levantamento ou continuação das obras do primitivo templo dedicado a São Salvador. Quando em 1474, a capitania de Angra passou a João Vaz Côrte-Real, já os trabalhos de construção do primitivo templo estariam terminados, ou em fase terminal.

Porém, com o aumento da população e a criação do Bispado de Angra, a 3 de novembro de 1534, a Câmara Municipal formulou um pedido para que se construísse um novo edifício para a Sé, no mesmo local. Assim, em 1536, a mando do Bispo, e de comum acordo com a Câmara de Angra, fizeram lembrar a D. João III, a necessidade de cumprir o seu compromisso de instalar a sede da diocese. Contudo, D. João III cuidou antes dos outros aspetos organizativos e não de um novo edifício, o que levou a Câmara da cidade, em 1557, como já referido, a renovar o pedido da construção do novo templo. Deferido o requerimento a 10 de janeiro de 1568, pelo Cardeal D. Henrique, lançou-se a primeira pedra em 18 de novembro de 1570, tendo a construção durado 48 anos, com pelo menos um período de interrupção nos finais do século XVI, durante a crise dinástica de 1580.

O edifício começou a construir-se pela fachada principal, para que a antiga Igreja de São Salvador pudesse continuar a servir o culto. O projeto de Luís Gonçalves é de um enorme templo maneirista de arquitetura chã portuguesa, sendo, sem dúvida, um dos mais notáveis edifícios desse género em Portugal.

É uma igreja ampla de três naves divididas por pilares sem transepto, mas de cobertura única. A cabeceira é, contudo, surpreendente, por se inscrever num revivalismo gótico, com deambulatório, com três capelas radiantes e uma abside coberta por uma cúpula suportada por colunas dóricas, sendo o conjunto acanhado e com falta de proporção ao corpo do templo.

A fachada, por sua vez, tem duas torres sineiras e, entre ambas, um templete para o relógio, colocado em 1782.

Adossadas ao corpo da Igreja foram construídas quatro capelas, com recursos de particulares e das irmandades, e as sacristias. No início do século XVII foi construído um claustro e no século XVIII adicionou-se-lhe a Sacristia Grande e a Sala do Tribunal Eclesiástico.

O terramoto de 1 de janeiro de 1980 causou extensos danos ao edifício. Em 5 de julho de 1983, com os trabalhos de restauro a decorrer, registou-se a derrocada de uma das torres e em 25 de setembro daquele mesmo ano, um grande incêndio destruiu por completo as talhas douradas dos altares, os órgãos de tubos e o teto em caixotões.

Nessas catástrofes perdeu-se um enorme espólio artístico, principalmente de decoração barroca, mas foi possível reedificar o templo que manteve a sua imponência e continua a ser o centro religioso dos Açores e um importante centro cívico da cidade, onde decorrem os mais proeminentes acontecimentos.

À Sé Catedral de Angra estão ligados acontecimentos e figuras históricas que não só marcaram a Terceira e os Açores, como Portugal continental e o mundo.

Por exemplo, em 1580, nela foi batizado o beato João Batista Machado, Padroeiro da Diocese e martirizado em Omura, no Japão, em 1617. Em 31 de março de 1641, Domingo de Páscoa, D. João IV de Portugal foi aclamado rei em Angra, sob o fogo cerrado das baterias espanholas, num dos acontecimentos mais impressionantes da Restauração.

O templo foi reconsagrado em 1808 e, no contexto das Guerras Liberais, entre 1828 e 1834, aqui eram celebrados os "Te Deum", quer por realistas quer por liberais no poder.

Foi também na Sé Catedral de Angra que se realizou a cerimónia de batismo e crisma de Gungunhana e seus companheiros de exílio, a 16 de abril de 1899, pelo bispo de Angra, D. Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, tendo como padrinhos os principais notáveis da ilha.

A 11 de maio de 1991, o Papa João Paulo II visitou a Sé de Angra do Heroísmo, havendo no adro uma estátua de Sua Santidade, comemorativa do evento.

Classificada como Monumento Regional pelo Governo Regional dos Açores em 11 de junho de 1980, ainda antes de Angra do Heroísmo ser classificada como

o primeiro lugar de Portugal reconhecido como Património da Humanidade pela UNESCO, a Sé Catedral de Angra, do alto da escadaria que ao adro conduz, tem testemunhado e servido de testemunho aos últimos 450 anos.

O Grupo Parlamentar do Partido Socialista, ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, propõe, assim, à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, reunida em sessão plenária no mês de abril de 2018, a aprovação de um Voto de Congratulação pela passagem dos 450 anos sobre a edificação da nova Sé Catedral de Angra.

Do presente voto deverá ser dado conhecimento à Assembleia Municipal e Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, ao Vigário Geral e Pároco da Sé de Angra e a Sua Excelência Reverendíssima D. João Lavrador, Bispo de Angra.

Horta, Sala das Sessões, 18 de abril de 2018.

Domingos Cunha
Deputado do PS/A
